

**RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA**  
**ISSN 2763-8405****O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA*****THE LIVING MAP AS A STRATEGY FOR MONITORING PUBLIC HEALTH POLICIES - AN INTEGRATIVE REVIEW***

Leonardo Moraes Armesto<sup>1</sup>, Thabata Roberto Alonso<sup>2</sup>, Rodrigo Asier Santos Ortega<sup>3</sup>, Lucas Kawamoto Dela Torre<sup>4</sup>, Anna Victória Garbelini Ribeiro<sup>5</sup>, Jorge Freitas Baueb<sup>6</sup>, Giovana David<sup>7</sup>, Gabriela Furst Vaccarezza<sup>8</sup>

e2165

<https://doi.org/10.53612/recisatec.v2i1.65>**RESUMO**

O mapa vivo configura-se como importante ferramenta de planejamento e gestão da atenção primária. Por meio dele é possível compreender a dinâmica situacional da saúde de determinada região a fim de criar estratégias que visem à promoção, proteção e recuperação da saúde, além de fomentar subsídios para a tomada de decisão pelos gestores, profissionais e usuários do SUS. O estudo justifica-se pelo impacto desta ferramenta na gestão do trabalho assistencial em saúde, podendo ser a razão pela qual a aplicação prática dessa ferramenta possa ser descontínua. Assim, se faz necessário o levantamento de informações para investigar as causas que levam ao surgimento de lacunas na continuidade da manutenção do mapa. Foi realizada uma revisão integrativa que buscou elencar informações capazes de evidenciar a influência do mapa vivo na gestão estratégica e na educação em saúde, os motivos que levam à obsolescência da aplicação contínua do mapa vivo, bem como a dificuldade de sua manutenção. A busca realizou-se em bancos de dados nas áreas da saúde como a LILACS, SciELO, Cochrane Library e Biblioteca Virtual de Saúde. Foi possível integrar conceitos relacionados à aplicação prática do mapa vivo no contexto do planejamento de ações estratégicas nas Unidades Básicas de Saúde. Nesse aspecto notou-se significativo debate contemplado no que tange a ausência de padronização e o questionamento da viabilidade do mapa vivo no cotidiano dos trabalhadores da saúde brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias da informação. Comunicação em saúde. Indicadores Biodemográficos. Estratégias de saúde local

<sup>1</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>2</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul - Possui experiência como tutora e professora em cursos de graduação e pós-graduação no modelo semipresencial e 100% EaD. Mentora na Universidade Brasileira de Tecnologia Avançada. Formação pedagógica em química pela Universidade Cruzeiro do Sul. Desenvolveu como coautora o projeto de pesquisa na tipologia de ensaio clínico duplo-cego randomizado na Universidade do Algarve em Portugal em parceria com o Hospital Particular do Algarve e a Universidade Federal de São Paulo, publicado em revista institucional em 2016. Professora de farmacologia na escola técnica Skinline. Especialização na modalidade Residência Multiprofissional na área de Farmácia Hospitalar e Clínica pela Universidade Federal de São Paulo e estágio internacional na Universidade do Algarve - Farmácia do Hospital Particular do Algarve.

<sup>3</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>4</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>5</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>6</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>7</sup> Universidade Municipal de São Caetano do Sul

<sup>8</sup> Mestrado em Ciências Odontológicas pela Universidade de São Paulo. Doutorado em andamento na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul do curso de Medicina. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: equipe-multidisciplinar, epidemiologia, gestão em saúde.



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armeisto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

### ABSTRACT

*The living map is configured as an important planning and management tool for primary care. Through it, it is possible to understand the health situational dynamics of a given region in order to create strategies aimed at the promotion, protection and recovery of health, in addition to providing subsidies for decision making by managers, professionals and users of the SUS. The study is justified by the impact of this tool on health care work management, which may be the reason why the practical application of this tool may be discontinuous. Thus, it is necessary to gather information to investigate the causes that lead to the emergence of gaps in the continuity of the map maintenance. An integrative review was conducted that sought to list information capable of evidencing the influence of the living map in strategic management and health education, the reasons that lead to the obsolescence of the continuous application of the living map, as well as the difficulty of its maintenance. The search was carried out in health databases such as LILACS, SciELO, Cochrane Library and the Virtual Health Library. It was possible to integrate concepts related to the practical application of the living map in the context of strategic action planning in Basic Health Units. In this aspect, we noticed a significant debate regarding the lack of standardization and the questioning of the viability of the living map in the daily routine of Brazilian health workers.*

**KEYWORDS:** *Information Technology. Health Communication. Biodemographic indicators. Local health strategies*

### INTRODUÇÃO

As práticas de atenção em saúde são fruto do desenvolvimento de uma intrincada relação que pactuam diversos atores e fortalece o princípio da atenção básica. Segundo Nascimento et al. (2018), a construção de um ideal pautado no bom cuidado e na articulação dos equipamentos e serviços, são parte da estrutura que pavimenta o sistema único de saúde, bem como sua forma de produzir cuidado em saúde. Neste sentido, Budal et al. (2018) salientam que uma das principais ferramentas da contemporaneidade no estímulo à vivacidade e melhoria contínua nos âmbitos da atenção primária, é a significação do conceito aplicado de mapa vivo. Não obstante, Ribeiro et al. (2017) entendem que em dado contexto, o território precisa ser notado como um espaço vivo, inserido dentro de um memorial geográfico e consolidado pela circularidade populacional que estabelece uma conotação primordial ao território, onde formulam-se e reformulam-se constantemente as necessidades salutaras sociais.

Concomitante, Almeida et al. (2016) notam que a ferramenta do mapa vivo é configurada como uma espacialidade que dividida micro ou macroregionalmente é capaz de estabelecer uma lógica compreensão e prestação de atendimento adequados e planejados, segundo a identificação das peculiaridades dos indivíduos atendidos e a forma com a qual é expressado seu comportamento em receber esse atendimento. Isto é, o mapa vivo atua na constante interpretação e fluidez da comunidade envolvida pelo equipamento de saúde e que vivencia o processo de mudança natural, a fim de acompanhar e atualizar as demandas que se fizerem necessárias com o passar do tempo (GELSDORF et al., 2016).

Contudo, Pessoa et al. (2013) analisa que apesar de sua imprescindibilidade participativa para a formação organizativa do atendimento profissional em saúde por meio de uma equipe



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armeisto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

multiprofissional, o mapa vivo encontra dificuldades cotidianas para a apropriação, continuidade de atualização e regulação das necessidades comunitárias atendidas, que tendem a ser de irregularidade ou ineficiência tecnológica, baixo desempenho profissional e técnico no monitoramento longitudinal, além de políticas públicas pouco efetivas e não legitimadas no fomento e instrumentalização oficial do mapa vivo no ambiente urbano. Com o estudo, Facchini et al. (2008) substanciam que quando bem integrado ao norteamento do atendimento e organização do suporte pessoal, o mapa vivo é capaz de melhorar e fortalecer o vínculo entre os pacientes, à equipe de atendimento e a própria UBS referente. Nascimento et al. (2006) acrescenta ainda que apesar do mapa vivo ser nutrido por meio de um cadastro individual (cidadão) e coletivo (família), sua simplicidade e multifuncionalidade são fundamentalmente importantes e contribuem para uma perspectiva visual bem delineada e contributiva para a equipe de saúde atuante na região pertencente àquele mapa vivo. Esse dimensionamento de importância em sua usabilidade, bem como a relatada dificuldade em mantê-lo atualizado, fortalecem a pesquisa no sentido de desenvolver estratégias que propiciem sua constância, atualização e melhoria contínua.

Para tanto, Teixeira (2002) reforça que a correlação e implementação de um mapa vivo no serviço à saúde é responsável, entre outros fatores, por estimular o trato mais próximo com a população local, produzindo conhecimento e dinamicidade na informação pessoal e familiar. Esse processo aprofunda as raízes da relação entre equipe de saúde e cidadão, desaguando em um projeto de confiança mútua no cuidado à saúde (PAULUS JÚNIOR et al., 2006). Neste sentido, o alcance da aplicabilidade contínua e efetiva de um mapa vivo, presume ações que fortaleçam essa prática. Sobretudo, partindo do pressuposto que a integração entre tecnologias, ensino-aprendizagem qualificado profissionalmente e políticas públicas assertivas e engajadas contribuem para manter o mapa vivo atualizado e eficaz.

O objetivo geral do estudo foi compreender como o mapa vivo pode ser uma ferramenta de gestão na avaliação das políticas públicas de saúde. Dentre os objetivos específicos do estudo estão: compreender os fatores que resultam na manutenção e atualização contínua do mapa vivo; verificar o monitoramento das ações de saúde por meio do mapa vivo; buscar conceitos integrados sobre a aplicação prática do mapa vivo de forma a evidenciar as ações de educação em saúde.

O mapa vivo é, dentre todas as ferramentas existentes no planejamento estratégico das ações de saúde, um dos mais importantes alicerces de apoio que conduzem a tomada de decisão dos gestores atuantes na rede de atenção básica. Isto, pois, com base no mapa vivo é possível estudar, planejar e gerenciar melhor as atitudes que serão tomadas de forma prioritária, conferindo um melhor direcionamento dos recursos públicos aplicados pela unidade de saúde de forma eficaz e satisfatória. Entretanto, identifica-se problematicamente que a aplicação prática dessa ferramenta pode cair em desuso por não haver uma compreensão da necessidade de se atualizar constantemente o mapa vivo. Desta forma, se faz necessário o levantamento de informações acerca do mapa vivo, justificando-se na investigação das causas que levam a descontinuidade dessa



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

ferramenta na unidade básica de saúde de modo que haja constância e continuidade referente ao emprego desse instrumento.

### METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento de artigos nas bases de dados da Cochrane Library, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), escritos ou traduzidos para as línguas: português, inglês ou espanhol, disponibilizados integralmente e que foram publicados no intervalo de tempo de 2007 até 2021. Para a realização da busca de artigos foram utilizados os descritores “Tecnologias da Informação e Comunicação em Saúde (TIC)”, “Indicadores Biodemográficos”, “Estratégias de Saúde Local” e “Educação em Saúde”.

Como critérios de exclusão foram adotadas as seguintes medidas: artigos publicados em revistas não indexadas, teses, artigos que estivessem escritos em outras línguas que não fossem inglês, espanhol ou português, artigos que não estavam disponíveis nas bases de dados, que foram publicados fora do período determinado e cujas temáticas não abordavam o mapa vivo, educação em saúde e políticas públicas em saúde para elaboração e manutenção de mapas vivos.

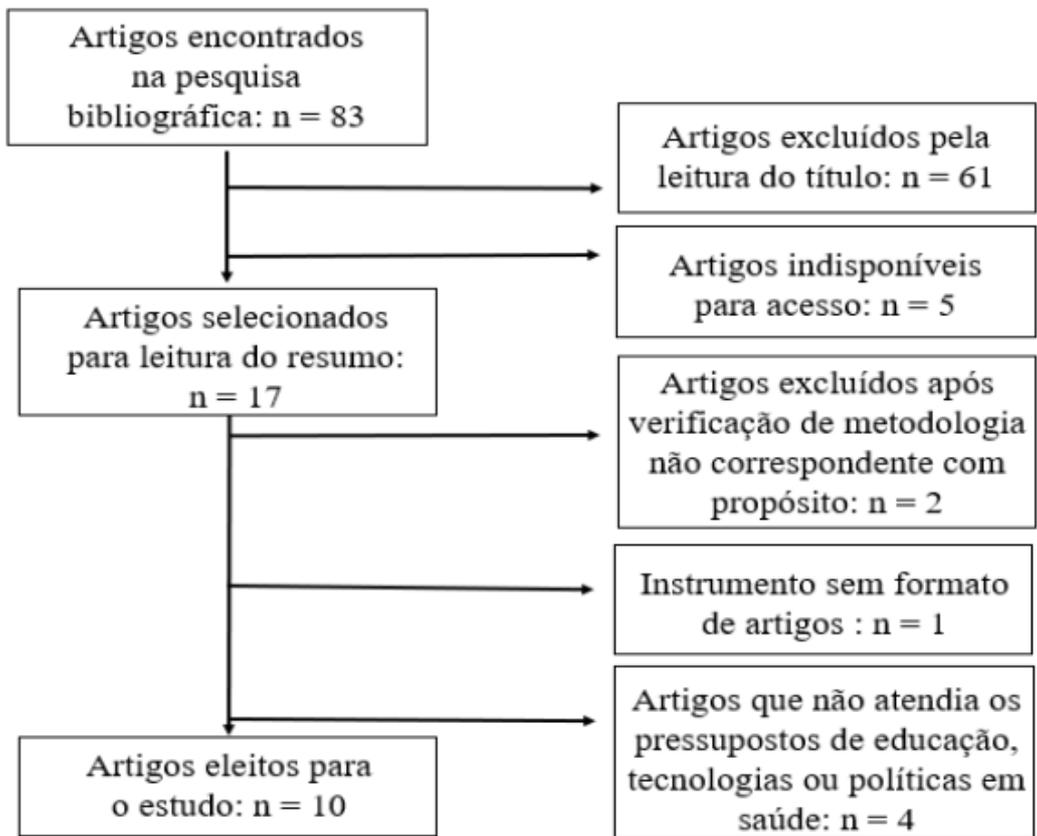
### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 83 artigos após a busca nessas bases de dados. Destes, 17 artigos foram selecionados para leitura dos resumos e o restante foi descartado por não apresentar coerência com o propósito do presente estudo, sendo que a maior fração que apresentou necessidade de eliminação, fora em virtude do envolvimento com temas relacionados à educação primária em saúde por meio de aspectos não tecnológicos, à repetição de artigos não correspondentes ao uso de mapas vivos, e também aqueles que não tratavam sobre a correspondência de fatores integrada, quando observados nas indicações dos objetivos específicos dessa pesquisa. Após a leitura e verificação do resumo, selecionaram-se 10 artigos que correspondiam à pergunta norteadora, conforme evidenciado no fluxograma 1.

**RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA**  
**ISSN 2763-8405**

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Arnesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

Figura 1 - Fluxograma das etapas de seleção dos artigos



A metodologia aplicada para a revisão bibliográfica é observada no quadro 1, o qual relaciona a base de dados utilizada para pesquisa, a quantidade de resumos avaliados, os artigos selecionados para leitura crítica e avaliação integral, bem como a relação de títulos encontrados com o uso das palavras-chave selecionadas para a busca textual.

Quadro 1 - Classificação dos artigos selecionados conforme banco de dados

Base de Dados	Artigos Selecionados para Uso	Resumos Avaliados Integralmente	Títulos Encontrados
Cochrane Library	1	2	15
LILACS	1	7	19
SciElo	6	3	26
BVS	2	5	23
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>17</b>	<b>83</b>

Com o objetivo de avaliar as revistas vinculadas aos artigos selecionados para o estudo foi realizado um levantamento com base no conceito Qualis/Capes das revistas, que classifica de acordo



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

com o grau de relevância, sendo A1 a classificação de maior relevância e C a classificação de menor relevância. Essa caracterização soma-se a perspectiva notabilizada junto aos referentes fatores de impacto no meio científico acadêmico. A busca para a classificação do Qualis foi realizada na Plataforma Sucupira no quadriênio de 2017 a 2020 com base no *International Standard Serial Number* (ISSN) das respectivas revistas. Para os termos considerados foram encontrados 10% apresentaram Qualis A2; 20% apresentaram Qualis A3; 20% demonstraram Qualis B1; 10% mostraram possuir Qualis B2; 20% demonstraram ter Qualis B3; 10% demonstraram se encaixar Qualis B4; 10% foram considerados como Qualis C. Não foi encontrado nenhum artigo Qualis A1, conforme evidenciado pelo quadro 2.

Quadro 2 - Classificação dos artigos conforme o Qualis no quadriênio de 2017 a 2020

<b>Autor</b>	<b>Revista</b>	<b>Qualis</b>
Almeida <i>et al</i> (2016)	ABENO	B3
Budal <i>et al</i> (2018)	Baiana de Saúde Pública	B3
Facchini <i>et al</i> (2008)	Caderno de Saúde Pública	A2
Garcia <i>et al</i> (2017)	Trabalho, Educação e Saúde	B1
Goldstein <i>et al</i> (2013)	Ciência e Saúde Coletiva	A3
Martins <i>et al</i> (2016)	Ciência, Cuidado e Saúde	B4
Nascimento <i>et al</i> (2007)	Internacional de Ciencia y Tecnología de La Información Geográfica	C
Nascimento <i>et al</i> (2018)	Trabalho, Educação e Saúde	B1
Pessoa <i>et al</i> (2013)	Ciência e Saúde Coletiva	A3
Ribeiro <i>et al</i> (2017)	Saúde Debate	B2

O resultado da pesquisa demonstrou que existe certa escassez em relação à quantidade de estudos relacionados com a temática do mapa vivo e suas aplicações na atenção primária, no Brasil, sendo evidenciado pelo baixo número de publicações encontradas em um largo intervalo de tempo o qual foi delimitado como metodologia desta pesquisa. Por outro lado, os estudos foram publicados em revistas com alto a médio fator de impacto, permitindo o reconhecimento do elevado grau de relevância da temática estudada. Desta forma, fica claro a necessidade em explorar mais dado campo de estudo, uma vez que se trata de uma ferramenta com vasto poder de influência para a consolidação de estratégias de gestão no âmbito da saúde coletiva.

Neste sentido, dentre as ferramentas aplicadas para organização do trabalho nas unidades básicas de saúde está o mapa vivo. Esta ferramenta está adstrita à política de territorialização como estratégia para a tomada de decisão das ações e serviços da equipe multidisciplinar a fim de promover o reconhecimento da área de trabalho da equipe em conjunto com a definição das ações de serviço, além de permitir o cadastro de famílias, bem como os tipos de situações de saúde prevalentes nas microrregiões. Em seu estudo, Martins et al. (2016) relataram o uso do mapa inteligente como instrumento de identificação dos locais onde havia violência contra mulher. Isso mostra a elevada relevância do uso do mapa para o reconhecimento dos problemas existentes no



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

território da UBS e possibilita o melhor gerenciamento das ações a serem tomadas no combate ao problema de saúde pública.

Para Budal et al. (2018), existe certa dificuldade em se manter o mapa vivo constantemente atualizado pelas equipes de saúde. Uma das razões apontadas pelo autor é o fato de o mapa vivo permanecer fixado na parede da unidade de saúde não sendo usual seu transporte pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) no território de trabalho. Os autores ressaltam ainda que foi por meio da inexistência de padronização em literatura para a manutenção do mapa que se ocasionou a descontinuidade de sua aplicação pela equipe de trabalho. Garcia et al. (2017) corrobora com Budal et al. (2018) à medida que aponta a reunião de informações de forma sistemática, permitindo o uso do mapa vivo como ferramenta de inteligência no diagnóstico territorial, de maneira a auxiliar na compreensão das necessidades da população e no gerenciamento da tomada de decisão eficiente nas unidades básicas de saúde. Porém, em seu estudo, o autor salienta determinada contradição por parte da aplicação dessa ferramenta, referida na rotina de trabalho dos ACSs ao expor que apesar de existir uma recomendação formal quanto ao uso do mapa vivo, é sobressalente a dúvida sobre a elaboração do mapa e sua real finalidade. Isso pode ser reflexo não só da falta de padronização para a criação de uma rotina de elaboração do mapa, mas fruto da falta de entendimento sobre o que e de qual forma realmente está sendo feito no serviço de saúde.

Neste aspecto, é necessário que ações voltadas para a educação em saúde sejam planejadas por parte da gestão das unidades básicas de saúde de modo que permita integrar os conceitos que embasam as ações estratégias da unidade, colocando os ACSs no cerne do planejamento assistencial. Isso está de acordo com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde que atua como ponto focal na educação permanente visando a melhoria da qualidade de atendimento das UB, a qual está pautada em práticas pedagógicas capazes de oportunizar aos profissionais da equipe práticas, um processo crítico e reflexivo acerca das tarefas exercidas no campo de trabalho.

Não obstante, para Almeida et al. (2016), por meio da educação permanente é possível aperfeiçoar o conhecimento das equipes de saúde ao passo que fortalece o vínculo entre as atividades que são realizadas na prática com a teoria elucidada. Isso permite expandir o dimensionamento da compreensão dos motivos pelos quais se buscam realizar e aplicar determinadas ferramentas de trabalho como é o caso do mapa vivo. Assim, partindo da premissa das experiências vivenciadas pela equipe de saúde é que se torna possível reconhecer os pontos falhos ou mal compreendidos, transformando a realidade estrutural em que se configura a forma de organização do cotidiano profissional.

Pessoa et al. (2013), em seu estudo, relataram sobre a integração da população com a equipe da UBS através da elaboração de diversos mapas de representação do território, evidenciando as demandas de saúde ali existentes que surgiram em virtude das alterações do meio ambiente e que modificaram as formas de vida da população. A criação de oficinas para a construção



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

de mapas que permitiram a população estudarem com veemência os fatores que implicavam nas alterações e impactos causados na qualidade de vida possibilitaram seu protagonismo decisivo enquanto usuários do serviço de saúde. Tais oficinas expandiram o horizonte das ações de educação em saúde voltada para a comunidade, aflorando a criticidade da população, permitindo a compreensão de como se dá a prioridade de escolha das ações que perpassam a tomada de decisão do gerenciamento da unidade, ao mesmo tempo em que sedimenta uma visão macro do funcionamento da rede de saúde. O estudo demonstra significância, uma vez que insere e aproxima os usuários no contexto do cotidiano de trabalho da equipe da UBS, de forma a possibilitar a formação do pensamento crítico e aprofundamento da capilaridade da rede; elemento básico nas ações de educação em saúde.

Ribeiro et al. (2017) corroboram com Pessoa et al. (2013) ao relatarem a experiência de oficina de mapa vivo como ferramenta de apoio para o reconhecimento do diagnóstico situacional do bairro. Sob sua ótica, o mapeamento é uma importante estratégia de gestão capaz de contribuir para o desenvolvimento de estratégias intervencionistas por parte da equipe de saúde, e que estimula a população a colaborar com as propostas de melhoria na comunidade local. Um ponto a ser ressaltado neste estudo é que a temática abordada na oficina do mapa vivo foi o combate ao *Aedes aegypti*, no intuito de analisar ações intervencionistas que mostrassem resultados satisfatórios. Para tanto, foi necessário compreender que o entendimento de território está além dos conceitos geograficamente delimitados, apresentando também dimensões simbólicas em abrangência sociocultural. Este fator permite expandir os mecanismos de abordagens populacionais que resultem em sua legitimidade coletiva.

Outro ponto determinante no estudo foi à criação de ciclos de monitoramento realizados pelo agente de combate a endemias, possibilitando que o mapa de fato permanecesse “vivo”. Vale ressaltar ainda que o autor se pautasse no georreferenciamento como tecnologia de apoio para a implementação do mapa vivo na unidade de saúde. Neste ponto, Nascimento et al. (2018) complementam que os Sistemas de Informações Geográficas (SIG) despontam como uma das tecnologias de comunicação mais eficientes para o monitoramento do mapa vivo ao passo que reproduz o espaço geográfico no qual a UBS está alocada.

Dessa maneira, é possível consolidar indicadores epidemiológicos por meio do reconhecimento espaço-temporal de eventos ligados a saúde, identificação e monitoramento das situações de saúde em uma janela de tempo preestabelecida, além da visualização de padrões eventuais em saúde, bem como a avaliação das medidas tomadas diante de situações em saúde existentes, possibilitando sua aplicação informativa em base de dados georreferenciada. Por outro lado, a implementação do SIG pode se tornar onerosa dependendo do tipo de objetivo que se pretende alcançar. Isso é corroborado pela necessidade de treinamento da equipe para a correta manipulação do sistema. Neste ponto é válido ressaltar que se o investimento apresenta um bom retorno para o sistema de saúde local, pode, então, ser considerado como válido no que tange a



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

implementação do SIG como tecnologia auxiliar da promoção de saúde do município. Facchini et al. (2008), fundamentam em sua pesquisa o apontamento de dados epidemiológicos fornecidos pelos instrumentos de trabalho aplicados na UBS, como fundamentais para a avaliação da abrangência e a efetividade das ações prestadas a população. Por meio de tais indicadores é possível rastrear a origem dos problemas e promover ações tratamento e prevenção de agravos. Nascimento et al. (2018) ressaltam que a atuação da gestão possui papel importante na consolidação dos instrumentos de trabalho, pois é responsável por orientar a equipe e decidir acerca das medidas adotadas nos eventos de saúde levantados pela equipe.

Os autores apontam ainda que seja necessário ultrapassar a teoria das recomendações do que deve ser feito e de fato colocar em prática o uso de ferramentas que sirvam de apoio para a determinação das intervenções a serem criadas. Isso reflete um corpo gestor comunicativo e constantemente vinculado à equipe de saúde de maneira a promover ações integradas entre todos os atores pertencentes a UBS. Com isso é possível inferir que se faz necessário também que a equipe gestora oriente e participe do planejamento de trabalho para colocar em prática as atitudes requeridas para a melhoria dos problemas existentes no local. O levantamento de tais problemas é feito com base na realidade epidemiológica fornecida por instrumentos capazes de classificar e organizar as demandas trazidas pela equipe de saúde. Portanto, a comunicação deve ser feita em via de mão dupla para que ambos os lados tenham conhecimento dos processos de trabalho e executem as tarefas de melhoria com eficiência.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância das ações de territorialização bem como as recomendações preconizadas para sua aplicação prática é substancial na literatura. O que se observa de forma preponderante nos artigos revisados é a existência do vasto benefício no uso do mapa vivo como forma de conferência e embasamento para os indicadores epidemiológicos das ações vinculadas com as unidades básicas de saúde. Contudo, não há regramento específico para a confecção desse mapa vivo, tão pouco alguma padronização relativa à periodicidade de sua atualização. Por um lado, não existir a padronização é algo positivo na medida em que confere liberdade para a criação de oficinas que deem vazão à criatividade na sua forma de fazer em associação com a necessidade apresentada pela localidade em que se encontra aquela comunidade. Por outro lado, a ausência de determinada padronagem comum na literatura técnica, em relação ao ciclo de produção de mapas, dá margem para o esquecimento e não objetividade introdutória dessa ferramenta no cotidiano de trabalho da equipe de saúde, ou ainda quando atuante, estabelece um percurso equivocado na confecção de um instrumento irregular e improdutivo quanto à confiabilidade dos indicadores biosociodemográficos para o uso local.

Ademais, para que o mapa seja mantido vivo, é fundamental que exista uma associação entre os gestores, os profissionais de saúde e os usuários da rede que, conjuntamente, alimentem suas

## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

informações e contribuam para o controle das ações de saúde. Além disso, é papel da gestão a promoção da educação em saúde para a equipe no ambiente profissional, tornando claros os motivos que alicerçam sua necessidade de atualização constante do mapa e produzindo em todos os envolvidos nesse dimensionamento, a noção de propriedade e corresponsabilidade na dinâmica desse processo.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. S.; BIZERRIL, D. O.; SALDANHA, K. G. H.; ALMEIDA, M. E. L. Educação permanente em saúde - uma estratégia para refletir sobre o processo de trabalho. **Revista ABENO**, v. 16, n. 2, p. 7-15, 2016. Disponível em: [http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-59542016000200003](http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-59542016000200003). Acesso em: set. 2021.

BUDAL, A. M. B.; MAZZA, V. A.; BUFFON, M. C. M.; DITTERICH, R. G.; JOCOWSKI, M. PLUCHEG, V. Construção de novo modelo de mapa inteligente como instrumento de territorialização na atenção primária. **Revista Bahiana de Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 727-740, 2018. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2503>. Acesso em: set. 2021.

FACCHINI, L. A.; PICCINI, R. X.; TOMASI, E.; THUMÉ, E.; TEIXEIRA, V. A.; SILVEIRA, D. S.; MAIA, M. F. S.; SIQUEIRA, F. V.; RODRIGUES, M. A.; PANIZ, V. V.; OSÓRIO, A. Avaliação de efetividade da atenção básica à saúde em municípios das regiões sul e nordeste do Brasil - contribuições metodológicas. **Caderno de Saúde Pública**, v. 1, n. 1, p. 159-172, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qpyjgN7Jj6zfCMbJVxfzbx/C/>. Acesso em: set. 2021.

GARCIA, A. C. P.; LIMA, R. C. D.; GALAVOTE, H. S.; COELHO, A. P. S.; VIEIRA, E. C. L.; SILVA, R. C.; ANDRADE, M. A. C. Agente comunitário de saúde no espírito santo: do perfil às atividades desenvolvidas. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 283-300, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/qbzRMT4W8qPDz5kf7SDNy5H/?lang=pt>. Acesso em: set. 2021.

GELSDORF, L.; COCCO, D. M. P.; KRUG, S. B. F. O mapa inteligente como ferramenta para ações de promoção de saúde. *In*: II Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Promoção em Saúde. **Anais... II CBIPS em UNISC**, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: [https://www.unisc.br/site/seminario\\_ppgps/anais/3433mod.pdf](https://www.unisc.br/site/seminario_ppgps/anais/3433mod.pdf). Acesso em: set. 2021.

GOLDSTEIN, R. A.; BARCELLOS, C.; MAGALHÃES, M. A. F. M.; GRACIE, R.; VIACAVA, F. A experiência de mapeamento participativo para a construção de uma alternativa cartográfica para a ESF. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 45-56, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QndtBJQ3CmsrhMZzFyW9riC/?lang=pt>. Acesso em: set. 2021.

MARTINS, L. C. A.; DA SILVA, E. B.; DA COSTA, M. C.; COLOMÉ, I. C. S.; FONTANA, D. G. R.; JAHN, A. C. Violência contra mulher: acolhimento na estratégia saúde da família. **Rev. Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 15, n. 3, p. 507-514, 2016. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-38612016000300507](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612016000300507). Acesso em: set. 2021.

NASCIMENTO, A. G.; CORDEIRO, J. C. Núcleo Ampliado de saúde da família e atenção básica - análise do processo de trabalho. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 2, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/tWS99FwJwhn55N9jGLSNDhR/>. Acesso em: set. 2021.



## RECISATEC – REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA ISSN 2763-8405

O MAPA VIVO COMO ESTRATÉGIA DE MONITORAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
Leonardo Moraes Armesto, Thabata Roberto Alonso, Rodrigo Asier Santos Ortega, Lucas Kawamoto Dela Torre,  
Anna Victória Garbelini Ribeiro, Jorge Freitas Baueb, Giovana David, Gabriela Furst Vaccarezza

NASCIMENTO, E.; BERTO, V. Z.; MATIAS, L. F. Perspectivas da utilização de sistemas de informações geográficas (SIG) como instrumental de apoio ao trabalho em unidades básicas de saúde. **Revista Internacional de Ciencia y Tecnología de La Información Geográfica**, v. 1, n. 7, p. 1-13, 2007. Disponível em: <https://geofocus.org/index.php/geofocus/article/view/122>. Acesso em: set. 2021.

PAULUS JÚNIOR, A.; CORDONI JÚNIOR, L. Políticas públicas de saúde no Brasil. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2006. Disponível em: <https://1library.org/document/ykiwjkq-cotidiano-trabalho-profissionais-atencao-sentidos-emocoes-saberes-fazer.html>. Acesso em: set. 2021.

PESSOA, V. M.; RIGOTTO, R. M.; CARNEIRO, F. F.; TEIXEIRA, A. C. A. Sentidos e métodos de territorialização na atenção primária à saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 8, p. 2253-2262, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2013.v18n8/2253-2262/>. Acesso em: set. 2021.

RIBEIRO, M. A; ALBUQUERQUE, I. M. N.; DINIZ, J. L.; BEZERRA, A. K. B.; BASTOS, I. B. Oficina mapa vivo na atenção básica - estratégia de planejamento local ao combate ao Aedes aegypti. **Revista Saúde Debate**, v. 41, n. especial, p. 338-346, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/VyqsWqKhp8N5qLmKtLNMsRq/>. Acesso em: set. 2021.

TEIXEIRA, E. C. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. **Revista Fazer em Saúde**, p. 1-11, 2002. Disponível em: [http://dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a\\_pdf/03\\_aatr\\_pp\\_papel.pdf](http://dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf). Acesso em: set. 2021.